

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações

Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60
Reclamos	100
Artigo	200

LISBOA

Quinta feira 20 de fevereiro de 1896

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros.....	600
Numero avulso	50
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000

RESUMO

O tiro nacional por Palermo de Faria.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.—Grande concurso de tiro: Lisboa 1897, por Palermo de Faria.—O defeso.—Associação dos Atiradores Civis Estrella.—Armamento sueco.—Quinto cenearso nacional de tiro: Paris, 1896.—Um curioso phenomeno, por Henri de Pareille.—Grande tiro da exposição nacional: Genebra, 1896.—A baleia.

O TIRO NACIONAL

O recente combate em que os boers tão facilmente venceram as forças capitaneadas pelo dr. Jameson, e as extraordinarias perdas soffridas pelos derrotados n'um combate que durou relativamente muito pouco tempo, vieram demonstrar á evidencia a grandissima importancia que deve dar-se á instrucção do tiro e a enorme utilidade, para as pequenas nacionalidades, de poderem auxiliar os exercitos permanentes com forças de voluntarios, convenientemente familiarisados com as armas de guerra, e portanto habilitados a prestar serviços de grande valia e não menor alcance.

O Transvaal de ha muito que se compenetro da necessidade e da vantagem do tiro nacional; a educação do boer é toda subordinada ao desenvolvimento physico, á instrucção militar, aos exercicios gymnasticos e muito especialmente aos do tiro ao alvo; e tão grande desenvolvimento tem attingido na republica sul-africana esta ultima instrucção, que não é raro encontrar alli atiradores de primeira ordem, que nos concursos mais disputados da Suissa, da França, da Italia e da Alemanha conquistariam um dos primeiros, senão o primeiro lugar.

E quasi na mesma região onde os boers ganhavam uma victoria em que a certeza dos seus tiros foi certamente a causa principal, as forças portuguezas derrotavam os vátuas e deviam tambem a sua gloria ao conhecimento que já tinham da arma de guerra, embora fosse ligeira e muito rudimentar a instrucção adquirida. Tinha, no entanto, sido a sufficiente para convencer o soldado da força que lhe adviria da precisão do tiro, da serenidade no fogo e sobretudo das descargas á voz dos officiaes que lhe indicavam as distancias e corrigiam as pontarias.

Se ao nosso exercito se podesse dar instrucção gradual, methodica e conveniente nas carreiras de tiro, se ao lado do soldado nós vissemos batalhões de voluntarios, chamados n'uma occasião critica a secundar os esforços da força publica, convencer-nos-iamos de que a nossa população daria em homens validos e valiosos, a quantidade bastante para conter em respeito e a distancia ainda mesmo os mais fortes e os peores intencionados.

A enorme força d'um povo que sabe fazer uso das armas de guerra evidenciou-se bem em 1870 na guerra franco-prussiana, quando o pequeno povo suiso continha em respeito nas suas fronteiras os dois exercitos belligerantes; de então para cá, n'este quarto de seculo, as nações mais avançadas, as que na paz armada sustentam e instruem exercitos esmagadores, verdadeiras monstruosidades no tremendo dia em que vierem ás mãos, todos se convenceram de que a precisão do tiro seria a *ultima ratio* das batalhas, a mais segura e a mais decisiva das fórmias a empregar para vencer os inimigos.

Portugal precisa acompanhar este movimento, necessita habilitar todos a saber cumprir um dever sagrado: o da defesa da Patria. O desenvolvimento do tiro nacional não representa simplesmente um genero de *sport* a desenvolver, é alguma coisa mais; consideramol-o necessidade inadiavel para que não serão de mais todos os esforços que se empreguem, todos os sacrificios que se facam.

E' por isto que desejaríamos ver os grandes e os pequenos, os ricos e os pobres, os nobres e os plebeus, contribuir sincera e francamente para que entre nós se imitasse o que nos concursos de tiro se faz na Suissa, na França e na Italia, onde aos subsidios dos governos corresponde brilhantemente a iniciativa particular; onde os concursos de tiro são verdadeiras festas nacionaes a que vão muitos milhares de pessoas e, onde o entusiasmo e alegria de todos, prova bem a importancia que se dá a um exercicio que é indiscutivelmente o melhor esteio das modernas nacionalidades.

Nós que imitamos com tanta facilidade o que nos vem do estrangeiro, que tão soffregamente nos vestimos á franchezza e até á ingleza, aproveitemos tambem os bons exemplos e vamos ás carreiras de tiro, franqueadas por patriotica resolução a todos os cidadãos, e mostremos alli que, procurando instruir-nos no manejo da arma de guerra, queremos dar uma prova certa e evidente de que somos, e queremos continuar a ser, bons e leaes portuguezes.

Palermo de Faria.

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Na sessão da direcção realisada hontem n'esta associação e em que se apresentaram varios alvites e propostas, tendentes ao desenvolvimento do tiro nacional, foi proposto tambem e votado por unanimidade que na acta se lançasse um voto de sentimento pela grande desgraça que enluctou a cidade de Santarem, e que este voto fosse communicado

ás sociedades d'aquella cidade, como demonstração de profunda magoa.

Ao *Gremio de Santarem* foi expedido um telegramma pedindo ao presidente d'esta sociedade para representar no funeral das victimas a *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*.

GRANDE CONCURSO DE TIRO

LISBOA — 1897

No extracto da sessão da assembléa geral da *Associação dos Atiradores Civis Estrella*, que publicamos em outro lugar d'este numero, vemos que foi apresentada e approvada uma proposta para que se realice um grande concurso de tiro em 1897, por occasião da commemoração do 4.º centenario da partida de Vasco da Gama para a India.

Applaudimos o projecto que está muito em o nosso animo e tanto que em 1894, pouco depois da fundação da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, o seu presidente que faz parte da commissão executiva do centenario da India, officiou ao presidente d'esta commissão, então o sr. conselheiro Pinheiro Chagas, declarando que a *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* se associava a todas as manifestações que se realisassem por occasião da solemne commemoração projectada, e que esperava n'essa epoca realizar um grande concurso de tiro internacional, para o qual em tempo opportuno apresentaria o programma respectivo que dependia de estudo meditado e talvez de ampliações na carreira de tiro da guarnição de Lisboa, em Pedrouços, que não poderia certamente bastar para um concurso em larga escala, como naturalmente será o que se levar a effeito em momento tão solemne.

N'este sentido se conversou até com o sr. capitão Vergueiro, digno e esclarecido director da Carreira de tiro, que teria necessariamente de cooperar e muito na elaboração do programma.

Com o que fica dito, desejamos apenas accentuar que a proposta ora apresentada pela *Associação dos Atiradores Civis Estrella* vem reforçar a que em tempos foi feita pela *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* e representa uma comunidade de idéas, que aliaz tem já havido em tudo quanto diz respeito ao desenvolvimento do tiro nacional, e que nos permite ter a esperanza de que vá por deante o concurso projectado e para o qual não será demais o trabalho e os esforços reunidos das duas Associações de tiro e ainda os de todas as outras que se hajam organizado até julho de 1897, incluindo os grupos como o *Grupo Patria*, etc.

Um grande concurso de tiro, parecemos um excellente meio de chamar a at-

tenção do paiz para o valor d'esta instrucção, para a grande importancia que o desenvolvimento do tiro nacional pôde ter no engrandecimento da terra portugueza e sobretudo na conservação dos territorios que lhe pertencem em regiões distantes.

Se fôr possível que este grande concurso se realice vindo a Lisboa os atiradores estrangeiros, maior importancia terá essa festa, pois terá desusado brilho e mostrará para além das fronteiras que, como todos os paizes com orientação moderna, Portugal entende que o tiro nacional, o tiro civil, o conhecimento da arma de guerra, permitirá a todo o cidadão válido afirmar os seus direitos e defender o seu patrimonio.

Folgaremos, pois, em noticiar o inicio dos trabalhos para o grande concurso de tiro em 1897.

Palermo de Faria.

O DEFESO

COMEÇA NO 1 do proximo mez de março *O defeso* e, como nos annos anteriores, a caça continuará a ser perseguida por toda a parte, repetindo-se essas scenas de vandalismo para que temos chamado tanta vez a atenção das autoridades respectivas, sem o menor resultado.

Como todos sabem, a caça ha annos que escasseia de modo a fazer acreditar que em breve terá totalmente desaparecido; só medidas muito energicas e rigorosamente cumpridas poderão evitar esse desastre imminente que privará os amadores d'um dos mais bellos divertimentos e o paiz d'uma riqueza que não é para desprezar.

Aos caçadores-amadores, aos que realmente são dedicados e sabem respeitar as leis e as conveniencias, pedimos que nos informem de qualquer transgressão para pedirmos que se prohiba e se castigue.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS ESTRELLA

REALISOU-SE em 8 de fevereiro, a assembléa geral d'esta associação para a discussão e votação do relatório da direcção e parecer do conselho fiscal e eleição dos corpos gerentes. Estiveram presentes 60 socios no pleno gozo dos seus direitos.

A assembléa approvou por unanimidade o relatório da direcção sem a menor discussão, e as suas propostas que são as seguintes:

Voto de agradecimento aos socios José Luiz Marques e Gil Dias, por serviços prestados á associação.

Voto de agradecimento aos ex.^{mos} srs. capitão Vergueiro e todos os instructores da carreira de tiro pela maneira delicada com que tem tratado na carreira os socios e pela dedicação que empregam na instrucção pratica do tiro.

Nomeação de socios honorarios: os srs. Palermo de Faria e José Martinho da Silva Guimarães, dignissimos presidentes da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, Albino de Lacerda Pinto e Sousa dignissimo presidente da *Associação dos Atiradores Civis Portuenses*.

Socios de merito Luiz de Oliveira Miranda Vianna, Pedro José Ferreira e Arnaldo Teixeira Cruz.

Realisação d'um concurso de tiro internacional, com o interesse de todos os atiradores civis, por occasião da festa do descobrimento da India.

O sr. José Augusto Prestes propoz um voto de louvor que foi tambem approvedo, aos corpos gerentes pela iniciativa que estes tomaram na realisação da ultima festa em homenagem ao corpo expedicionario d'Africa. O sr. dr. Cunha Belem agradeceu em nome dos corpos gerentes e o sr. Eduardo de Noronha propoz e foi approvedo que igualmente ficasse exarado na acta um voto de louvor a todos os socios que pecuniariamente concorreram para a realisação da festa que só a expensas d'estes se realizou, a todos os que materialmente tambem concorreram para o seu brilhantismo, á imprensa pelas amaveis referencias que fez á associação e muito em especial ao sr. Gil Dias que dirigiu toda a decoraçao das salas, que na realidade apresentavam um aspecto magestoso.

Procedeu-se em seguida ao acto eleitoral. Entraram na urna 54 listas. A lista official teve 45 votos, havendo uma outra lista que recolheu 9 votos. A eleição correu sem o menor protesto.

A sessão foi encerrada no meio d'um grande entusiasmo, depois de se votar por aclamação e com uma estrondosa salva de palmas, uma moção de honra ao sr. dr. Cunha Belem pela maneira independente porque dirigiu os trabalhos da mesa. S. ex.^a foi acompanhado até á rua por todos os socios, que lhe fizeram uma manifestação imponente, levantando-se n'essa occasião vivas a s. ex.^a, á Patria, ao exercito, marinha, ministro da guerra, associações de tiro e capitão Vergueiro.

No dia 14 tomaram posse os novos eleitos, que na sua maioria pertenciam aos antigos corpos gerentes, á excepção dos supplentes, logares creados pelos novos estatutos. Presidiu a este acto o sr. dr. Cunha Belem, distribuindo-se assim os diversos cargos.

Assembléa geral

Presidente — Dr. Antonio Manuel da Cunha Belem.

Vice-presidente — Joaquim M. S. Fallção.

1.º Secretario — Arcadio de Menezes.

2.º Secretario — Antonio Silvestre da Costa Seixas.

Supplentes

José Gonçalves Junior.

Luiz Solano Mendonça de Oliveira.

Conselho fiscal

Presidente — João José Diniz.

Relator — João Pires.

Secretario — Gil Dias.

Direcção

Presidente — Eduardo de Noronha.

Vice-presidente — Eduardo Nunes da Matta.

1.º Secretario — Eduardo Rodrigues.

2.º Secretario — José Thomaz Coelho.

Thesoureiro — José Antonio de Carvalho Gandara.

Vogaes — 1.º, Luiz d'Oliveira Miranda Vianna; 2.º, Manuel Nunes Ferreira.

Supplentes

José Alves Philippe.

José Gonçalves Rebordão.

Nicolau Taylor Vianna.

A direcção, reunida em seguida á posse, traçou o programma dos trabalhos a empender no 1.º trimestre, taes como: reparações no edificio da associação, abastecimento d'agua, illuminação geral com bico de luz incandescente, installação do gabinete de leitura, perfeitamente isolado e confortavel, organização de mais dois grupos de atiradores e publicação mensal d'um boletim.

Encarregou tambem o sr. Eduardo de Noronha, de junto da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, a representar e compartilhar dos trabalhos que esta emprehende para a realisação do concurso de tiro, em beneficio dos repatriados de Africa e do Instituto Ultramarino.

ARMAMENTO SUECO

A espingarda sueca é actualmente uma Remington transformada, de valor insufficiente, em relação ás novas armas em uso nos principaes exercitos europeus.

O ministerio da guerra encarregou, ha já algum tempo, uma commissão de procurar um modelo de arma de repetição.

Depois de ter examinado e experimentado diversas espingardas: a Krag-Jargensen, a Mannlicher, a Mauser, etc., a commissão pronunciou-se pelo ensaio d'este ultimo modelo.

A nova arma de repetição é do calibre de 6^{mm},5. O cartucho, levando em conta o peso do carregador, pesa 25 gr. e 2; só, pesa 23 gr. 14. O da espingarda modelo 1867-69 actualmente usada pesa 30 gr. 8. A differença de peso é de proximoamente um quarto. E' uma vantagem consideravel que permitirá augmentar muito o numero dos cartuchos levados pelo homem ou pelas caixas.

QUINTO CONCURSO NACIONAL DE TIRO

PARIS — 1896

PROGRAMMA DO CONCURSO

Plano do tiro

Total dos alvos — 90

EM Satory: 45 alvos a 200^m para as armas nacionaes e armas livres; 15 alvos a 20^m para revolver; 20 alvos a 12^m para a carabina de 6^{mm}.

Na carreira de Versailles: 4 alvos a 200^m para os tiros da *Mocidade*; 6 alvos a 12^m para o tiro escolar.

Dimensões dos alvos

Para as armas nacionaes e armas livres: alvos 0^m,80; visual 0^m,40, divididos em 10 zonas; cartão: 24^{cm} correspondendo aos pontos 10, 9 e 8 do alvo.

Para revólver da ordenança, modelo 1873-74 e 1894, alvo 0^m,30; cartão e visual 0^m,06.

Para revólver livre: alvo 0^m,20, visual 0^m,06, cartão 0^m,04.

Para a carabina de 6^{mm}, alvo 0^m,055, visual 0^m,018.

Para o tiro escolar, cathogoria 18: alvo 0^m,15, visual, 0^m,03.

Limites

Para os tiros de serie illimitada, a classificação far-se-ha pelo mais alto ponto. No caso de empate, o limite far-se-ha pelas séries d'apoió.

Para as séries fixas, a classificação far-se-ha pela multiplicação dos pontos pelo numero de ballas no alvo e o resultado dividido pelo numero de ballas disparadas. No caso de empate, limite para o mais pequeno desvio da balla mais affastada do centro.

Para os tiros no centro, a classificação far-se-ha pelo menor desvio da balla mais perto do centro. No caso de empate, limite para a seguinte.

UM CURIOSO PHENOMENO

Os *Annales Politiques Littéraires* escrevem a proposito do assumpto de que já nos occupámos, o seguinte:

O rasto visível dos projecteis

Dissémos recentemente que a bala da espingarda *Gras* deixava rasto visível na sua passagem. O facto é certo, ao que parece. Tem-se attribuido a visibilidade da trajetória do projectil á buxa; outros dizem que é a condensação do vapor d'agua atmospherico; nós mesmos, perguntámos se o traço esbranquiado não seria devido ao carbonato d'ammoniac, residuo da polvora, que produz, em presença do vapor d'agua, vapores muito densos e d'um branco nublado.

Recebemos, a proposito d'este curioso phenomeno, duas cartas interessantes. Um capitão do 157.º de linha escreve-nos de La Condamine:

«A realidade da visibilidade do trajeto da balla da espingarda *Gras* não é duvidosa. Tenho-o observado muitas vezes, principalmente com um binoculo de pequeno alcance, collocando-me um pouco atraz do atirador, um passo á direita ou á esquerda, do lado do vento, para não ser incommodado pelo fumo.

«A humidade não me parece intervir no phenomeno para o qual ha muito tempo encontrei explicação que parece simples.

«O rasto esbranquiado, com o aspecto d'um sol de fogo de artificio, que se vê na passagem do projectil, é produzido pela dispersão da gordura de que está coberta a parte ogival da balla.

«A velocidade centrifuga e a de translação, juntas á acção do ar sobre a acção do projectil, espalham essas parcelas extremamente tenues e lubrificantes nos primeiros 300 metros do trajeto sobre os quaes, proximamente, se vê o rasto da balla.

«A prova de que esta explicação deve ser boa, é que nada semelhante se vê com a espingarda modelo 1886, cuja balla de involucro *maillehort* não é engordurada.

«A sua velocidade sendo quasi dupla da da espingarda modelo de 1884, o vacuo ou a aspiração do lado de traz seria mais forte e deveria vêr-se melhor o rasto se se tratasse da condensação do vapor d'agua.»

Esta explicação concorda com o que recebemos d'um outro assignante:

«A visibilidade da trajetória não deve ser tão rara como se pensa, no tiro da espingarda *Gras*. Na carreira de tiro de Satory, esta visibilidade era frequente, quando se empregava a espingarda *Gras*.

«Explicariamos este phenomeno a nosso modo, com dados condicionaes. A bala da espingarda *Gras* é revestida com um involucro de papel, involucro e bala são mergulhados n'um banho de gordura.

«A bala sahindo do cano, tem portanto uma capa de papel gorduroso. O contacto do ar aquece a bala, e d'ahi o fumo produzido pela materia gordurosa que envolve a bala.

«E' certo, em todos os casos, que o phenomeno se produz mais no tempo humido, mas admitida a intervenção da gordura, o resto pôde explicar-se facilmente.»

Esta segunda interpretação do phenomeno differe um pouco da precedente, mas, definitivamente, é a gordura da bala, segundo os meus dois correspondentes, a origem real do rasto visível que revela a trajetória.

A explicação parece boa e agradecemos aos nossos dois leitores terem querido transmittir-nol-a.

Henri de Parville.

GRANDE TIRO DA EXPOSIÇÃO NACIONAL

GENEVA — 1896

COMO já dissémos haverá em Genebra, na carreira de Saint-Georges, de 8 a 18 d'agosto do corrente anno, um grande concurso de tiro, promovido pela *Federação cantonal genebrense das sociedades de tiro*, por occasião da exposição nacional que vae realizar-se na formosa cidade da republica helvetica.

A comissão central de tiro, na sua sessão de 1 d'este mez, tomou conhecimento do relatório apresentado por M. Hans Weber, em nome da comissão dos premios e conforme ás suas conclusões fez as seguintes escolhas:

Relogios de prata para homem, valor 50 francos. O projecto apresentado pela casa L. Brandt & Irmão em Bienne foi acceto por unanimidade. E' no dizer dos peritos um excellent movimento que dará tanta fama aos fabricantes como satisfação aos que obtiverem este premio. O habil gravador M. G. Hantz está encarregado da decoração das caixas.

Medalhas (brnze e prata). O avverso representa a *Liberdade* deusa das montanhas helveticas, defendendo-as do alto dos seus rochedos contra um assaltante.

Este projecto apresentado em modelo é devido ao talento de Mademoiselle Clotilde Roch, discipula de Bovy na classe de ceramica das escolas d'arte da cidade de Genebra.

O reverso representa a aguia genebrense levando nas garras as armas federaes; é um desenvolvimento da idéa que creou o timbre das cartas da comissão da exposição.

Este novo desenho, de estylo muito puro e muito bello, é devido ao habil lapis de M. Francis Beauverd, antigo alumno das escolas d'arte da cidade de Genebra que, ainda ultimamente deu uma prova do seu talento desenhando a medalha de inauguração da carreira de Saint-Georges.

Salvas de prata, valor 100 francos, com 29 centímetros de dimensão, 600 grammas de peso.

A comissão teve o embaraço da escolha, vendo-se collocada na presença de concorrentes cujos projectos eram todos modelos de bom gosto e perfeita execução. Foi o projecto de M. L. Mugnier, ourives em Genebra, que foi escolhido.

E' uma salva redonda, do estylo Luiz xv, o mais puro e o mais gracioso, fundo polido, com uma cinta fosca e na borda folhas decorativas Luiz xv, cinzeladas,

velha prata. Em um dos contornos, uma applicação cinzelada em relevo, representa as armas suizas e genebrenses, com uma fita em que se lê a inscripção: *Grande tiro da Exposição Nacional — Genebra, 1896.*

Relogios de ouro e esmalte para senhora, valor 150 francos. Ainda com este premio a comissão se viu em presença d'uma quantidade de projectos de grande valor, tanto sob o ponto de vista da qualidade de movimentos como da decoração artistica; sentia-se que Genebra tinha querido mostrar a sua superioridade n'este ramo da industria nacional.

Depois de se haver admirado e delectado na contemplação de todás aquellas obras primas, a comissão unanimemente escolheu um lindo relógio, apresentado pela casa Vacheron & Constantin essencialmente genebrense que, ha muitos annos, contribue largamente para o desenvolvimento e aperfeçoamento d'esta industria.

E' inutil dizer que o movimento é perfeito, de ancora, compensador, regulado para as temperaturas, calibre 11 linhas, genero especial.

Quanto á decoração é obra d'artistas de talento, MM. Bosset e Carral. O esmalte é um verdadeiro quadro.

(Da *Gazette des Carabiniers Suisses*.)

PLANO DO TIRO

A

Carabina e espingarda da ordenança

Distancia 300 metros

Alvo Patria (de duas cathegorias)

Visual 60 centímetros. Campo dos pontos 1 metro, dividido em 25 pontos. Cartão de 28 centímetros para os premios da 2.ª cathegoria. Preço da série unica de 10 tiros, 10 francos. O mesmo atirador não pôde obter senão um premio e isto nas duas cathegorias em que fôr melhor classificado. *Bonus* de 5% sobre o total dos pontos para as armas da ordenança e *Martini*, grosso calibre. Premios: 50% dos donativos de honra, em dinheiro ou pratas, e 50% da receita d'este alvo.

Premios

1.ª cathegoria (ao menor desvio): 1.º premio, 300 francos; 10.º, 80 francos; 20.º, 40 francos; o ultimo, 6 francos, para um total de 6.000 francos, formando 400 premios.

2.ª cathegoria: Ao mais perto do centro. A mesma escala que para a 1.ª cathegoria. Base calculada sobre 1.000 atiradores; se este numero fôr excedido, formar-se-ha um premio mais em cada cathegoria por 4 séries vendidas.

Alvo Esperança

Ao mais perto do centro. Visual 60 centímetros. Cartão 28 centímetros para os premios. Primeira inscripção obrigatoria 5 francos por 5 tiros; repetições facultativas a 1 franco por tiro. Cada atirador pôde fazer 5 cartões de que será válido unicamente o melhor. Todo o atirador que tiver feito um cartão tem direito a um premio. Premios aos atiradores que façam 5 cartões: uma medalha de bronze.

Premios

Todos os donativos de honra são attribuidos a este alvo assim como 70% da receita do alvo (deduzidos os premios); 1.º premio, 300 francos; ultimo, 5 francos.

Alvo Exposição (de duas categorias)

Visual 60 centímetros. dividido em 30 pontos; agrupamento 4 centímetros para os premios da 2.^a categoria. Premios da série de 3 tiros simples 2 francos, 3 tiros duplos 4 francos.

Premios

1.^a categoria: Ao mais alto ponto das 3 melhores séries de cada atirador; 1.^o premio, 250 francos; 10.^o, 85 francos; 150.^o e ultimo, 7 francos para um valor total de 3.500 francos.

2.^a categoria: Ao melhor agrupamento de cada atirador; 1.^o premio, 400 francos; 10.^o, 60 francos; 150.^o e ultimo, 5 francos para um valor total de 3.500 francos. No caso de empate nos pontos limites para o menor desvio entre as tres entradas e em seguida para o melhor tiro d'essas tres entradas. Os numeros 19 a 30 (24 centímetros) contam como cartão para as armas de amadores; os numeros 17 a 30 (28 centímetros) para as armas da ordenança suissa.

Premios de cartões

Os 15 primeiros cartões são pagos a razão de 5 francos por 5 cartões; em seguida 10 francos por 10 cartões até 265 o maximo.

Alvo Livre

Distancia 300 metros

Visual 60 centímetros. Agrupamento 5 centímetros. Cartão 32 centímetros para armas d'amadores de pequeno calibre, 38 centímetros para armas da ordenança suissa e *Martini*, grosso calibre.

Distancia 400 metros

Visual 70 centímetros. Agrupamento 5 centímetros. Cartão 38 centímetros para armas d'amadores de pequeno calibre, 44 centímetros para armas da ordenança suissa.

Séries de 10 tiros simples 2 francos e 50, 10 tiros duplos, 5 francos. Séries de 40 tiros duplos a 300^m, 20 francos, de 20 tiros duplos a 400^m, 10 francos, limitados a 3 por cada atirador em cada distancia.

Premios de séries

Conferidos ao maior numero de cartões feitos nas duas melhores séries de cada atirador, uma a 300^m, outra a 400^m; 1.^o premio, 60 francos; 100.^o e ultimo, 6 francos para um total de 1.200 francos. Limite para as séries de apoio.

Premios de agrupamentos

Ao melhor agrupamento de cada atirador; 1.^o premio, 80 francos; 150.^o e ultimo 5 francos para um total de 1.600 francos. Para os primeiros 30 cartões, 5 francos por 10 cartões, em seguida para 20 cartões 10 francos até 630 cartões o maximo.

Alvo Militar (em duas categorias)

Distancia 400 metros

Visual 70 centímetros; agrupamentos 10 centímetros para os premios da 2.^a categoria; campos dos pontos 1^m, 50 para armas da ordenança suissa dividido em 50 pontos; 1.^a inscripção, 5 francos para 5 tiros, duas repetições facultativas a 3 francos. Premio: 20 % dos donativos de honra em dinheiro ou pratas e 70 % da receita d'este alvo.

Premios

1.^a categoria: A' melhor série de cada atirador; 1.^o premio, 250 francos; 600.^o e ultimo, 5 francos para um total de 7.000 francos.

2.^a categoria: Ao melhor agrupamento de cada atirador; 1.^o premio, 75

francos; 100.^o e ultimo, 5 francos para um total de 1.000 francos. O mesmo atirador pôde ter um premio em cada categoria.

Alvo Futuro (de duas categorias)

Distancia 500 metros

Visual 80 centímetros; *mouche* de 15 centímetros para os premios da 2.^a categoria. Alvo dividido em 6 pontos ou: *Armas d'amadores*; circulo de 15^c, 6 pontos; 30^c, 5 pontos; 43^c, 4 pontos; 60^c, 3 pontos; 80^c, 2 pontos; resto do alvo 1 ponto. *Armas da ordenança*: circulo de 15^c, 6 pontos; 35^c, 5 pontos; 50^c, 4 pontos; 80^c, 3 pontos; 1^m, 2 pontos; resto do alvo 1 ponto. Preço da série de 4 tiros simples, 1 franco, 4 tiros duplos, 2 francos; repetições illimitadas.

Premios

10 % dos donativos de honra em dinheiro ou pratas serão conferidos a este alvo.

1.^a categoria: Ao mais alto ponto das 4 melhores séries de cada atirador; 1.^o premio, 100 francos; 80.^o e ultimo, 4 francos.

2.^a categoria: Ao melhor agrupamento de cada atirador; 1.^o premio, 100 francos; 80.^o e ultimo, 4 francos. O mesmo atirador pôde ter um premio em cada categoria.

(Continúa.)

A BALEIA

(Continuado do n.º 50)

QUASI ao mesmo tempo, Othero, navegador allemão, visitava as costas da Noruega, o cabo Norte e ia até á entrada da mar Branco. Encontram-se n'estes mares septentrionaes numerosos pescadores e viu apanhar em dois dias mais de duzentas baleias.

Do seculo XI ao seculo XII, esta pesca apparece em Flandres e Normandia e os principaes armamentos fazem-se nos portos d'estes paizes. O auctor d'uma *Vida de Santo Arnaldo, bispo de Soissons*, descreve a fórma dos arpões, o seu emprego e enumera os dizimos que os pescadores pagavam aos ecclesiasticos.

No seculo XII, os marinheiros noruegueses empregavam-se com actividade na pesca da baleia.

No seculo XIV, os marinheiros vasconços começam a empregar verdadeiras expedições aos mares do norte. Os armamentos dos navios faziam-se em differentes portos do seu littoral oceanico. As suas expedições eram sempre felizes pois voltavam sempre com carregamentos completos. E' então que se regula e estabelece o processo classico da pesca de que fallaremos.

Desde 1372, os vasconços chegaram ao grande banco da Terra Nova, d'onde levaram as suas excursões até ao golfo de S. Lourenço e costas do Labrador. No seculo XIV os armadores de Bordeus equiparam, para o mar Glacial, navios pescadores que penetraram até á Groenlandia e até ao Spitzberg.

O exito dos vasconços excitou o ciúme e cubiça das outras nações. Como não eram protegidos pela bandeira nacional inquietaram-nos e acabaram por excluídos das paragens de pesca, quer á força quer por contribuições onerosas. Assim desde o começo do seculo XVII começaram a ver declinar a sua industria.

Perdeu-se definitivamente para elles e para a França, quando em 1636 os hes-

panhoes se apoderaram de quatorze grandes navios tripulados pelos vasconços e que chegavam dos mares da Groenlandia, ricamente carregados de toucinhos e barbas.

Os pescadores vasconços decidiram-se então a aceitar papel secundario. Viram-se reduzidos a servir de guias ás potencias rivais; ensinaram a arte de pescar a baleia aos holandezes e até aos inglezes.

A pesca dos holandezes tomou rapidamente grande desenvolvimento. Sustentada por companhias ricas, a nova industria foi origem de prosperidade para a Hollanda, até ao começo do seculo XVII. N'esta epoca, porém, foi paralyzada pela guerra maritima; e depois da paz, não pôde chegar a reconstituir-se.

Emquanto a pesca da baleia dava aos holandezes tão bellos resultados, não prosperava entre as mãos dos armadores e dos marinheiros inglezes.

Mas esta nação perseverante e activa redobrou de esforços para assegurar o exito.

Em 1732, concedeu premios importantes a todos os navios de pesca e dobrou até estes premios em 1748. Desde então este ramo de industria maritima tomou em Inglaterra rapido desenvolvimento.

Perseguidas nas suas paragens naturaes por uma guerra sem tregoa, as baleias affastaram-se a pouco e pouco e cada vez mais para o norte. Até ao fim do seculo XV, a pesca fazia-se nas costas francezas do oceano, isto é no golfo de Gasconha. Era, como dissemos, privilegio dos vasconços. Mas a partir do seculo XVI as baleias, tornando-se mais timidas, tinham-se refugiado nos mares da Groenlandia e do Spitzberg. Eram então muito numerosas junto das costas e nas enseadas. Os pescadores completavam alli rapidamente os seus carregamentos ficando junto de terra. Bandos de baleias nadavam com confiança ao longo das costas e das bahias mais proximas do Spitzberg. Não fugiam dos navios e entregavam-se sem defeza á avidez dos pescadores. Os holandezes tinham até construido, na ilha de Amsterdam, a aldeia de *Smeerembourg* (aldeia da gordura). Tinham creado depositos e fornecimentos de diversas mercadorias.

Em seguida ás esquadras de pesca, expediam navios carregados de vinho, agua-ardente, tabaco e comestiveis. N'estes estabelecimentos derretia-se a gordura das baleias mortas e em seguida transportavam o azeite para a Europa.

Em breve, porém, as baleias se tornaram medrosas e de repente ariscas. Emigraram a pouco e pouco lentamente, como se deixassem com pesar as costas e as bahias onde tinham nascido e haviam vivido e se tinham multiplicado livres e felizes.

Foram para as regiões dos gelos moveiços onde os pescadores as seguiram. Foram então occultar-se debaixo dos gelos fixos, e escolheram o seu principal abrigo sob a immensa camada de gelo que os batavios tinha chamado *Westys* (gelo do oeste). Os pescadores atacaram estes gelos immoveis. Levando as chapulas até ás bordas, espivavam o momento em que as baleias eram forçadas a deixar esta aboboda protectora para virem respirar á superficie da agua.

(Continua.)